

O USO DA “PECHAKUCHA” COMO MEIO DE ALFABETIZAÇÃO NA APLICAÇÃO DO MÉTODO SOCIOLINGÜÍSTICO DE ALFABETIZAÇÃO NAS IDENTIDADES AMAZÔNICAS PARAENSES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

João Sunymar Sanches Dias¹

Estela Regina Marques Lima²

Livia Sousa da Silva³

RESUMO:

Este trabalho tem por propósito fomentar a visibilidade das identidades amazônicas, mediante a aplicação no modelo de apresentação “Pecha Kucha” com uso do método sociolinguístico de alfabetização em alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, para que compreendam as realidades Amazônica Paraense. Do mesmo modo, busca-se promover um contradiscurso às ideias hegemônicas constituídas por ideais colonialistas. Dessa maneira, pretende-se evidenciar os saberes, linguagens e intelectualidades. Para tanto, foi realizado um estudo de natureza qualitativa, do tipo bibliográfico, com base nas publicações de Freire (1989), Medeiros, Priscilla Kelly Sena (2021), Swathipatnaik, D., & Davidson, L. M (2016), Ferreiro e Teberosky (1999), Onaide e Olympio Schwartz (2013), Costa e Oliveira (2017) e Cruz (2017) O modelo de apresentação desenvolvido no Japão conhecido como Pecha Kucha unindo a educação crítico-reflexiva, do método sociolinguístico e suas aplicações no contexto escolar, além da pesquisa documental, pela análise do Documento Curricular do Estado do Pará (2019) e de que maneira estabelece a valorização dos sujeitos amazônicos paraenses e suas contribuições histórico-culturais. Como verificação preliminar, percebeu-se a necessidade de garantir um ambiente educacional que ressignifique a visão de mundo dos estudantes sobre a própria amazonicidade, devido à aplicação de debates e discussões que utilizam textos amazônico-paraenses no cotidiano, garantindo o elo entre ensino e contexto social, isto é, uma educação decolonial vinculada às vivências dessa população e mediadora de transformações sociais, pela necessidade de destacar tal localidade e a diversidade de sujeitos que nela habitam aos cenários nacional e internacional.

Palavras-chave: Método Sociolinguístico, Identidades Amazônicas, Anos Iniciais do Fundamental, Alfabetização, Amazônia Paraense, Pechakucha, Gênero discursivo, Letramentos.

INTRODUÇÃO:

A Amazônia Paraense merece destaque na sociedade brasileira, visto que abrange pluriculturalidade gastronômica, simbólica, religiosa, linguística e humana, a exemplo das

¹ Graduado em Jornalismo pela Universidade da Amazônia – UNAMA. Graduado em Licenciatura Plena em Letras com Habilitação em Português e Inglês pelo Centro Universitário Fibra, jd.sunymar@gmail.com;

² Graduada em Licenciatura Plena em Letras com Habilitação em Português e Inglês pelo Centro Universitário Fibra. Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará-UFPA, estelamarques2001@gmail.com;

³ Doutora em Ciências Sociais, Sociologia, pela Universidade Federal do Pará -UFPA com Pós-Doutorado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFPA); Mestre em Educação (Currículo e Formação de Professores), pela Universidade Federal do Pará -UFPA. Especialista em Psicopedagogia Educacional com ênfase em psicopedagogia preventiva, pela Universidade do Estado do Pará (UEPA); licenciada plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), liviasousasilva2014@gmail.com.

contribuições indígenas, ribeirinhas, quilombolas, dos seringueiros e extrativistas. Há, então, necessidade de desvelar o acesso às obras amazônicas, às experiências e identidades da região, pois, infelizmente os sujeitos amazônicos são excluídos da literatura nacional-dominada pelo cânone do eixo sul/sudeste- e, até mesmo, do centro dos debates escolares da própria região norte.

Torna-se necessário um currículo que envolva, desde os anos iniciais do fundamental, a conexão com a cultura das identidades locais, mediante um ensino indissociável à realidade vivenciada pela comunidade escolar. Para Costa e Oliveira (2017, p.142-142), o ensino deve ser regionalizado, evidenciando as manifestações amazônicas, despertando o interesse dos discentes por suas raízes histórico-culturais. Desse modo, resgatando os valores e conhecimentos acerca dessa localidade.

O caminho à educação emancipadora é a introdução dos conteúdos valorativos da heterogenia amazônica no processo de alfabetização. Para Paulo Freire (1989), alfabetizar é um ato político e criativo, sendo o educador o mediador da construção da escrita e leitura. Portanto, o aluno tem consciência crítica, é “criador” e “ressignificador” de conceitos, reconhece as relações de poder e participa ativamente na sociedade.

É evidente a importância de um processo de alfabetização que leva em conta o contexto sociocultural e a amazonicidade do povo paraense. Nesse sentido, os pesquisadores Onaide e Olympio Mendonça (2013) desenvolveram o método sociolinguístico ao combinar os exercícios da psicogênese da língua escrita, desenvolvidos por Ferreiro e Teberosky, com a consciência social da educação social de Paulo Freire.

Tal método promove a alfabetização com consciência identitária, capacitando as crianças nos anos iniciais do fundamental à uma leitura reflexiva sobre o objeto de estudo. Com isso, o presente artigo está fundamentado nos trabalhos de Freire (1989), Ferreiro e Teberosky (1999), Onaide e Olympio Schwartz (2013), Costa e Oliveira (2017) e Cruz (2017) que trabalham a alfabetização atrelada às experiências de mundo dos discentes, por serem indissociáveis à educação formal e integral. Também foi analisado o Documento Curricular do Estado do Pará (2019) e seus mecanismos de divulgação da cultura amazônica e identidades no espaço escolar. Por fim, a Pechakucha, um método modelo inovador de apresentação desenvolvido no Japão que possuiu um objetivo rápido, conciso e direto para aplicar em sala de aula o método sociolinguístico. Para isso, vamos usar os conceitos da tese de mestrado da Priscilla de Medeiros (2021), e o periódico de Swathipatnaik, D., & Davidson, L. M (2016).

A pesquisa busca responder os seguintes problemas: Como a valorização da amazonicidade está presente no currículo do Estado do Pará? O que é e quais são as etapas do

método sociolinguístico de alfabetização? De que maneira o método sociolinguístico pode ser aplicado com auxílio da “Pechakucha” enquanto instrumento de visibilização das identidades da Amazônia Paraense nos anos iniciais do ensino fundamental?

O objetivo desse trabalho é fomentar a visibilidade dos sujeitos amazônicos, mediante a alfabetização pelo método sociolinguístico, de forma dinâmica, atual, tecnológica, e responsável por incitar a postura crítico-social nos discentes e na compreensão das desigualdades e preconceitos enfrentados pelo povo amazônico paraense na sociedade, substituindo o quadro de segregação pelo destaque dos saberes e das intelectualidades dessa região. Por isso, na perspectiva metodológica foi realizado um estudo qualitativo, do tipo bibliográfico, com base em livros, artigos e dissertações publicados acerca da educação crítico-reflexiva, do método sociolinguístico e suas aplicações no contexto escolar; além de pesquisa documental pela análise do Documento Curricular do Estado do Pará (2019) e de como retrata a valorização dos sujeitos amazônicos paraenses e suas contribuições histórico-culturais.

Dito isso, a seguir, serão apresentadas e debatidas a) a análise do Documento Curricular do Estado do Pará e como dissemina a apreciação dos conhecimentos da amazonicidade paraense; b) o enfoque sociolinguístico de alfabetização e suas etapas; c) e, por fim, um exemplo detalhado da aplicação desse método nas escolas paraenses.

1. A AMAZONICIDADE DENTRO DO DOCUMENTO CURRICULAR DO ESTADO DO PARÁ

O Documento Curricular do Estado do Pará (2019) orienta as ações educativas dessa localidade, sob abordagem interacionista e reconhecedora de temporalidades múltiplas. Isto é, a obrigatoriedade de explorar ativamente a diversidade étnico-cultural da Amazônia paraense em todos os níveis da educação básica. Com foco nos anos iniciais do fundamental, destaca-se que o documento curricular nessa etapa de ensino divide-se em eixos estruturantes, subeixos e objetivos de aprendizagem, correlacionados às habilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A visão de currículo desse documento aponta um ensino significativo, transdisciplinar e participativo para todos os membros da escola, “uma construção coletiva, pois dessa forma expressa uma identidade que é o lugar que se ocupa – etnia, religiosidade, valores [...]” (DOCUMENTO CURRICULAR DO ESTADO DO PARÁ, 2019, p. 17). Possibilitando, então, a formação de indivíduos críticos acerca das problemáticas sociais, mediante políticas curriculares motivadoras de discussões sobre as diversidades e desigualdades existentes.

Quanto aos 3 princípios basilares, voltados à garantia da integridade sociocultural das diferentes comunidades amazônicas (campesinas, ribeirinhas, quilombolas, indígenas ou cidadinas, são eles: 1) Respeito às diversas culturas amazônicas e suas inter-relações no espaço e no tempo, 2) Educação para a sustentabilidade ambiental, social e econômica e 3) Interdisciplinaridade no processo ensino-aprendizagem. (DOCUMENTO CURRICULAR DO ESTADO DO PARÁ, 2019, p. 17).

O primeiro princípio, de acordo com o Documento Curricular Nacional (2019, p.18) reflete as práticas e concepções marginalizadas do multiculturalismo existente na Amazônia Paraense, interessado na ressignificação sobre ser sujeito do mundo e a construção de novas aprendizagens que valorizem o intercâmbio cultural. Esse modelo de currículo capta as singularidades regionais, relevantes à formação cidadã integral, pela aplicação de metodologias crítico-reflexivas.

Na etapa do ensino fundamental, o Documento Curricular do Estado do Pará (2019, p. 97-99) dá relevância à garantia da integridade sociocultural, mediante processos refletores das identidades amazônicas e define objetivos de aprendizagem baseados em 5 eixos estruturantes: “Espaço/Tempo e suas Transformações”, “Linguagem e suas Formas Comunicativas”, “Valores à Vida Social” e “Cultura e Identidade”. Cada um atrelado aos adventos da globalização, às variações da linguagem, à vida em sociedade e questões identitárias, histórico-políticas e culturais da sociedade paraense. Logo, a criação de um ambiente acolhedor e convidativo, pelo currículo, torna a comunidade escolar engajada, devido à democratização e incorporação dos saberes culturais amazônicos (COSTA E OLIVEIRA, 2017, p. 160-161).

Diante do supracitado, é um documento interessante, com contribuições de vários profissionais da educação, em que são exploradas as representatividades das identidades, memórias, historicidades e conhecimentos dos povos constituintes da Amazônia paraense. Apesar disso, em certos momentos, como os destacados anteriormente, é generalista, sem proposições efetivas acerca da complexidade da amazonicidade. À exceção disso, portanto, há mediações interessantes nas habilidades e competências- vindas da BNCC- adaptadas aos eixos estruturantes, sobretudo nas áreas de linguagens, humanas e na parte diversificada.

2. ALFABETIZANDO PARA O MUNDO: O MÉTODO SOCIOLINGUÍSTICO

Segundo Cruz (2007), a leitura é a relação entre letras e sons, conexão fundamental à compreensão dos conceitos do texto. Nesse cenário, é necessário ter consciência da relação entre cotexto e contexto, para uma compreensão integral da narrativa e seu valor na sociedade.

Dito isso, ao longo dos anos, vários métodos de alfabetização foram desenvolvidos e aplicados no Brasil, como o método fônico (leitura pela decodificação dos sons das letras), o global (compreensão do significado do texto por meio de frases completas) e o sociolinguístico (ensino interativo ao contexto social da sala de aula e as características linguísticas dos alunos).

Para proporcionar ao mesmo tempo o processo de alfabetização e construção de um pensamento voltado à consciência identitária amazônica, foi destacado o método sociolinguístico nesse artigo. Essa vertente alfabetizadora, de acordo com os criadores dela, Onaide Schwartz Mendonça e Olympio Correa Mendonça (2013), surgiu pela necessidade de uma metodologia que desenvolvesse simultaneamente a fala, leitura e escrita. Daí foram dados os primeiros passos, pela associação dos exercícios da psicogênese da língua escrita, de Emília Ferreiro e Ana Teberosky com o processo de educação social de Paulo Freire.

Ferreiro e Teberosky (1999), caracterizaram a evolução da escrita pela classificação de quatro níveis conceituais linguísticos: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético⁴. Consecutivamente, essa alfabetização tem abordagem ampla e contextualizada ao destacar as diferentes fases da criança na aquisição e desenvolvimento da escrita e na construção dessa habilidade, a partir das próprias hipóteses e experiências por meio de atividades que exploram a linguagem escrita de forma significativa. Conforme Freire (1989), os alunos devem construir a própria autonomia, criticidade e agir com tolerância e respeito diante da diversidade. Por conseguinte, são capacitados indivíduos conscientes das desigualdades e futuros agentes de mudança e promoção da justiça social.

Diante dessa recapitulação, pode-se dizer que o método sociolinguístico sistematiza e contextualiza os fonemas, grafemas, palavras e frases de um texto lidos, já que as palavras escolhidas são familiares à vida dos discentes, contribuindo para o ensino da leitura no processo de alfabetização e letramento. Nas palavras de Onaide Schwartz Mendonça (2011), essa abordagem enfatiza a relação entre a questão social e a linguagem, promovendo o diálogo e a escrita dos alunos, tanto entre si quanto em suas interações com o professor. São destacadas, portanto, quatro etapas nesse método: 1) codificação, 2) decodificação, 3) análise e síntese, 4) fixação da leitura e da escrita; as quais serão discutidas a seguir.

⁴ Ferreiro e Teberosky (1999) destacam no período pré-silábico a distinção entre desenho e escrita, a necessidade de usar várias letras para formar uma palavra e a escrita ser de conhecimento individual, sem sentido claro sem a criança. No período silábico, há organização e diferenciação da escrita, atenção aos sons e confusões na escrita de monossílabos. No silábico-alfabético, as crianças entendem que as sílabas são representadas por mais de uma letra e realizam leituras menos complexas. No período alfabético, as crianças analisam além da sílaba, compreendem fonemas, mas podem cometer erros ortográficos devido à confusão entre valores sonoros similares.

Na codificação, o professor inicia os trabalhos pela palavra geradora -aquela que motiva o debate entre os alunos- contextualizando a aprendizagem; essa palavra faz parte do meio ao qual as crianças estão inseridas e é representada pelos códigos que eles já dominam (fala, desenhos e gestos). Também é ensinada a utilização de conhecimentos científicos, instrumentos de escrita, suporte e organização espacial do texto. É, então, nesse momento que se concede voz aos estudantes, pela mediação do diálogo e transformação da visão de mundo (MENDONÇA, 2011, p.123).

Posteriormente, na descodificação, são trabalhados textos mais complexos como poemas e letras de música, gerenciando e motivando novos ares à capacidade cognitiva, com a saída do estado de ingenuidade para o de consciência crítica, graças a orientação do professor à questionamentos sobre o que foi debatido. Conforme Onaide Schwartz Mendonça (2011):

A “codificação” e a “descodificação” constituem os dois primeiros passos do Método Paulo Freire de Alfabetização, garantindo que a aquisição da leitura e da escrita seja significativa, no sentido de que partem da discussão da palavra geradora, através do diálogo e dos códigos que o alfabetizando já domina, e constituem-se em fase necessária de exploração das potencialidades mentais do alfabetizando, por intermédio das linguagens que devem preceder a técnica de ler e escrever, e que o instrumentalizam para o desempenho social, tendo acesso ao poder de reivindicação, através das habilidades de discutir, tomar a palavra, expor e superar as formas contemplativas (ingênuas) de compreender o mundo. (MENDONÇA, O, 2011, p. 123)

No terceiro momento, isto é, na etapa de análise e síntese, é apresentada a separação silábica e a formação de outras palavras com sílabas previamente aprendidas na palavra geradora, retirando-a do contexto no qual está inserida, para o alcance do reconhecimento do que vem a ser a sílaba e da relação fala-escrita. Ao final do processo, durante a fixação da leitura e escrita, há o ensino das famílias silábicas para que a criança consiga formar novas palavras e reconhecer os significados produzidos, pois de acordo com Freire (1989):

[O ato de ler] não se esgota na descodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas [...] se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p. 11-12).

Logo, Onaide Mendonça e Olympio Mendonça (2013) e o método sociolinguístico valorizam a diversidade sociocultural, mediando a interação entre pessoas de diferentes origens, pelo desenvolvimento de uma alfabetização conscientizadora, voltada ao senso crítico dos alunos.

3. MAS O QUE É PECHAKUCHA? E COMO APLICAR NO MÉTODO SOCIOLINGUÍSTICO?

A Pecha Kucha é um modelo de apresentação de trabalhos que surgiu no mundo corporativo de grandes empresas na região de Shibuya no Japão em meados de 2003 pelos arquitetos Astrid Klein e Mark Dytham. Naquela época, eles tinham muita dificuldade para tentar explicar os seus projetos. Diante desse desafio, eles foram estudando uma forma de diminuir esse ruído provocado pela falta de domínio do japonês e de conversas aleatórias que acabavam surgindo durante suas apresentações. Com isso, para que todos pudessem compreender todo o projeto de forma rápida, objetiva e direta. Astrid e Mark carinhosamente batizaram o formato de “Pecha Kucha” que significa “conversa de ritmo acelerado” em japonês.

Mas como esse formato funciona? Segundo o site oficial do formato explica que o formato de apresentação PechaKucha 20x20. Ou seja, é uma apresentação de slides de 20 imagens, cada uma avançando automaticamente após 20 segundos. É ininterrupto. São 400 segundos para contar sua história, com recursos visuais guiando o caminho. O tempo total resulta em uma apresentação de 6 minutos e 40 segundos.

Priscilla Kelly Sena Medeiros (2021) aprofundou sobre o assunto em sua tese de mestrado entende a pechakuta como um gênero do discurso: “A Pechakucha agrega fala, escrita e outras semioses, como fotografias, imagens, desenhos, figuras, ícones, cores e movimentos”. Além disso, Priscilla Medeiros(2021) percebe que nesses slides não são exibidas as transcrições da fala. No entanto, elas podem ser obtidas no site oficial da Pechakucha ou na geração automática dos vídeos do YouTube para quem precisa.

Os americanos Swathipatnaik, D., & Davidson, L. M (2016) publicaram um artigo na “Research Journal of English Language and Literature” sobre o tema, entendem que o modelo como atividade em sala de aula obriga o aluno a cumprir dois requisitos cruciais: a ficarem de frente para o público em uma atividade. E, dará aos alunos a oportunidade de narrar ou descrever sobre o tema específico. “Este formato despertar interesse entre os alunos, pois é algo diferente de seus formatos de apresentação estereotipado. Os alunos podem selecionar qualquer tópico de sua a escolha e a apresentação devem justificar o motivo do interesse pelo tema”. Além disso, os educadores entenderam pela prática que o formato ajuda a abrir caminho para a necessidade de desenvolver uma precisão na apresentação.), Swathipatnaik, D., & Davidson, L. M (2016) notaram que um dos grandes problemas com os alunos nas apresentações são nas

frases longas e sinuosas. Porém, neste formato, a restrição de tempo atua como um estimulador para que os alunos acompanhem um ritmo nas imagens.

Em suma, Priscilla Medeiros (2021) sinaliza que ensaiar é fundamental. “Não se trata, pois, de uma apresentação “espontânea”. Seu estilo pode até parecer espontâneo, mas não é. Comumente, recorre-se a contínuas gravações”. Ou seja, a apresentação em público da Pechakucha é baseada em muitos treinos e ensaios. É justamente os ensaios que garantem, ao apresentador, a memorização dos pontos centrais da sua fala. E com isso, ocasionando o surgimento da maturidade para compreender o que deve ser selecionado para ser dito nos seis minutos e quarenta segundos de Pechakucha.

4. SUGESTÃO DE APLICAÇÃO DO MÉTODO SOCIOLINGUÍSTICO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS DA AMAZÔNIA PARAENSE

Uma alfabetização que valoriza as questões de identidade e pertencimento à região amazônica fomenta o perfil crítico-reflexivo acerca da realidade vivenciada em sociedade. Sabendo disso, será apresentada uma sugestão de aplicação do método sociolinguístico nos anos iniciais do ensino fundamental em escolas da Amazônia Paraense, sejam elas das capitais, regiões das ilhas, quilombos, aldeias indígenas ou nos interiores do estado.

Na Codificação, os professores engajam os alunos a explorarem a palavra-geradora (P.G) **Igarapé**, a qual, segundo Chiaradia (2008), vem do Tupi Guarani ir-r’apé que significa caminho d’água, nascente de ribeirão ou riacho. Celebrando a herança indígena presente no vocabulário paraense. Serão, então, feitas várias perguntas associadas a esse termo, como: “Vocês sabem o que é Igarapé? Onde podemos encontrá-lo? A água dele é doce ou salgada? Já tomaram banho em algum? Conhecem alguma lenda sobre ele?”. Portanto, haverá respeito ao tempo das crianças e observação do repertório cultural que possuem sobre suas raízes.

A Descodificação, é a hora de introduzir aos alunos que estão pré-silábicos um texto que aborde o contexto no qual a P.G está presente (Igarapé). Gêneros diversos, desde poesia até prosa, são bem-vindos, desde a perspectiva científica até a mais estilístico-literária. Para tanto, foi selecionado o texto “Poema para Igarapé-Miri”, da professora Elvira Castro, paraense e igarapemiriense, vencedora do concurso de poesias do X Festival do Açaí (1997); essa produção literária explora a diversidade gastronômica, cultural, sentimental e étnica desse município da Amazônia Paraense, exposto no **Quadro 1**:

Quadro 1 — Poema para Igarapé-Miri

Estrofe 1	Estrofe 2

Somente um sentimento profundo Pela minha terra natal Leva-me a escrever com carinho Este poema simpleszinho Mas sincero e original.	Minha terra tem o nome De origem tupi-guarani. O rio que passa em sua frente Permite o acesso da nossa gente, A lugares distantes daqui. Esse rio tem o mesmo nome De nossa cidade que é Igarapé-Miri.
Estrofe 3	Estrofe 4
Igarapé-Miri, terra hospitaleira, Terra de gente forte e de grande valor cultural. Aqui nasceu gente importante, Gente que aqui nasceu e foi morar distante Como Pinduca que mora na capital E Deusdeth Pantoja que já foi nosso representante na Câmara Federal.	Aqui podemos viver tranqüilos, Comendo frutas e mariscos fresquinhos, Trazidos por pescadores Chamados de ribeirinhos. Gente que vive da pesca, E desta tiram o sustento dos seus filhinhos.
Estrofe 5	Estrofe 6
Não há quem venha aqui, Na nossa Igarapé-Miri, Que não goste da nossa gente, E não nos dê o presente De voltar novamente Para tomar o nosso açaí.	Por ter nascido nesta cidade, Sou igarapemiriense. Como camarão e mapará, Assim como toda nossa gente, Em julho homenagem Sant'Ana, Padroeira deste povo bacana, Que brinca e reza clamando por sua bênção.
Estrofe 7	Estrofe 8
Aqui na nossa cidade Tomamos muito açaí, E durante o período de inverno Tomamos mingau com buriti. O buriti é fonte de gordura; O açaí, energético como ele só. Inclusive, na nossa cidade, Já produzimos açaí em pó.	Através deste poema, Que eu mesma escrevi, Pretendi demonstrar O meu amor por Igarapé-Miri. Mas, ao mesmo tempo participar, Da gincana das sete cores Do X Festival do Açaí.

Fonte: (CASTRO, 1997, X Festival do Açaí)

Posteriormente, os educadores lerão o texto, destacando as passagens em que a P.G aparece. Em seguida, eles irão levantar questões problematizadoras para estimular o desenvolvimento da consciência crítica. Uma possível pergunta motivadora ao diálogo é: "O que fazer para preservar os Igarapés?". As ideias levantadas pelos alunos devem ser ouvidas e consideradas, promovendo um ambiente seguro para a exposição de ideias e debates, incentivando os discentes a manterem postura ativa durante as aulas. Ao final, o(a) mediador(a) apresentará dados científicos sobre o tema abordado, incentivando a pesquisa baseada em evidências reais desde os primeiros anos do ensino fundamental.

Ademais, ainda na descodificação, é preciso que o alfabeto seja trabalhado diariamente, possibilitando aos alunos a visualização do movimento de tracejado das letras e o consecutivo aprendizado de como repeti-los. Em um primeiro momento, na lousa, o alfabeto aparecerá somente em letras maiúsculas, conforme o **Quadro 2** abaixo:

Quadro 2 — Alfabeto Maiúsculo em Letra Bastão

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Os professores irão ler, primeiramente, na ordem alfabética e em seguida em diferentes ordens, não permitindo o simples decorar. Após a leitura realizada pelo/a docente e acompanhada pelos discentes, chamada leitura coletiva, haverá a leitura individual, em que cada aluno será convocado a ler o alfabeto. Os docentes devem realizar atividades em que os estudantes circulem as letras que formam a P.G e tentem identificar outras palavras no texto. Desta feita, quando a maioria da turma já estiver confiante nos conhecimentos do alfabeto será apresentado o **Quadro 3**, com letras maiúsculas e minúsculas, de modo a possibilitar o reconhecimento de palavras em qualquer texto:

Quadro 3 — Alfabeto Maiúsculo e Minúsculo, em Letra Bastão e em Cursiva

Aa Bb Cc Dd Ee Ff Gg Hh Ii Jj Kk Ll Mm Nn Oo Pp Qq Rr Ss Tt Uu Vv Ww Xx Yy Zz

Aa Bb Cc Dd Ee Ff Gg Hh Ii Jj Kk Ll Mm Nn Oo Pp Qq Rr Ss Tt Uu Vv Ww Xx Yy Zz

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Na análise e síntese, a P.G será retomada sem a necessidade de silabar. Os professores perguntarão aos alunos quantas vezes abrem a boca para falar essa palavra, ou seja, a quantidade de sílabas que **Igarapé** tem. Depois, perguntarão o que se é falado quando abrem a boca pela primeira vez, isto é, a sílaba “**I**”, escrevendo-a na lousa; em seguida será feita a mesma pergunta só que voltada às demais sílabas, que também serão dispostas no quadro. Enfim, conforme o **Quadro 4**, a P.G aparecerá; a) escrita normalmente, b) separada silabicamente e c) acompanhada das famílias silábicas que a compõem:

Quadro 4 — Processo de Análise e Síntese da Palavra Geradora

IGARAPÉ				
I-GA-RA- PÉ				
A	O	U	E	I
GA	GO	GU	GE	GI
GUA	GUO	-	GUE	GUI
RA	RO	RU	RE	RI
PA	PO	PU	PE	PI

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Nessa metodologia, sílabas simples e complexas são ensinadas juntas, por isso Gue e Gui estão presentes e a ordem das sílabas não segue o padrão tradicional (A, E, I, O, U), evitando a mecanização dessa sequência. Também será explicado que as vogais podem ficar sozinhas em sílabas, enquanto as consoantes não. Após a separação da P.G em sílabas e em suas famílias silábicas, os alunos, agora *silábicos* ou *silábico-alfabéticos*, escrevem na lousa as palavras que formaram a partir dos elementos destacados no **Quadro 4**. Desta feita, são realizados exercícios de completar e circular sílabas, associando-as ou não às imagens e praticando a separação silábica. Nesse contexto, no **Quadro 5**, há algumas possibilidades de composição de palavras, pelas sílabas da P.G:

Quadro 5 — Palavras Formadas com as Sílabas da Palavra Geradora

GARAPA	PEGA	GURUPÁ	PARÁ	REGA
PAPO	PÊRA	QUOTA	ARARA	ROUPA
PIPA	IPÊ	RUA	PEGO	PURO
PERU	PERIGO	RAIO	RIPA	REI

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Por último, na Fixação da leitura e escrita, o mecanismo aplicado é o de exercitar o que foi aprendido anteriormente, com atividades de interpretação e produção textual com significado global e analisável. Por conseguinte, já foi alcançado o nível *alfabético* e são realizados autoditados ou ditados mudos com imagens, para que a criança codifique os nomes que as representam, por exemplo, abaixo de uma boneca deverá estar escrita a palavra boneca; outros exercícios interessantes são: caça-palavras e palavras cruzadas.

Nota-se, então, a relevância sócio formal do método sociolinguístico na vida das crianças da Amazônia paraense, devido a ser uma educação mais democrática e de resistência, capaz de modificar o apagamento histórico-cultural das identidades aqui presentes. Assim, a aliança entre legislação e visão revolucionária dos docentes precisa ser aplicada em prol de maior visibilidade das vivências dos sujeitos paraenses no Brasil.

CONCLUSÃO

Conclui-se que o formato Pechakucha em conjunto com o método sociolinguístico é um instrumento capaz de integrar à alfabetização e letramento o aspecto social, para que o ensino não seja separado do contexto vivenciado em sociedade. Isso é possível porque as aulas estão pautadas em níveis conceituais linguísticos, isto é, no momento de aprendizagem de leitura e escrita em que as crianças vão encontram. Destarte, essa metodologia é significativa

por tornar o ambiente escolar agradável, viabilizando maior interação entre alunos e professores, além da ressignificação da visão de mundo, mediante aplicação de debates e discussões que utilizam textos paraenses evocadores da amazonicidade com a modernidade de ensino.

Após os estudos bibliográficos e documentais realizados nessa pesquisa, entende-se que a perspectiva metodológica sociolinguística aplicada de forma ideal com a Pechakucha apoiada no Documento Curricular Nacional do Estado do Pará, é inovadora. Todavia, há certas inconsistências e superficialidades no que tange às identidades amazônicas e a abordagem escolar nesse modelo de currículo, as quais precisam ser redefinidas, especialmente no tocante às populações indígenas, sendo necessárias contextualizações e proposições fidedignas às singularidades e movimentos de resistência dos sujeitos desse lócus.

REFERÊNCIAS

CHIARADIA, Clóvis. **Dicionário de Palavras Brasileiras de Origem Indígena**. Limiar: São Paulo, 2008.

COSTA, Renato P.; OLIVEIRA, D. B. **Currículo e Cultura**: O contexto amazônico na prática educacional. Revista EDUCAmazônia - Educação, Sociedade e Meio Ambiente, v. 19, p. 138-162, 2017.

CRUZ, Vitor. **Uma abordagem cognitiva da leitura**. Lisboa: Lidel, 2007.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **A Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 15. ed. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1989.

MENDONÇA, O. S. C. **A eficiência do método sociolinguístico: uma nova proposta de alfabetização**. In: Sônia Maria Coelho. (Org.). Caderno de Formação: formação de professores didática dos conteúdos. 02ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 02, p. 120-130.

MENDONÇA, Onaide Schwartz; MENDONÇA, Olympio Correa. Alfabetizar as crianças na idade certa com Paulo Freire e Emilia Ferreiro: **Práticas Socioconstrutivistas**. São Paulo: Paulus, 2013.

MEDEIROS, Priscilla Kelly Senna. **Pechakucha**: gênero discursivo multissemiótico. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/33296>. Acesso em: 04.09.23
Swathipatnaik, D., & Davidson, L. M

PARÁ. **Documento Curricular do Estado do Pará**. CEE: Belém, 2019.

SWATHIPATNAIK, D., & DAVIDSON, L. M. **Pecha Kucha** - an Innovative Task for Engineering Students. Research Journal of English Language and Literature (RJELAL), v. 4, n. 4, p. 49–54, 2016. Disponível em: <http://www.rjelal.com/4.4.16/49-54%20D.%20SWATHIPATNAIK.pdf>. Acesso em: 10.11.23

CASTRO, Elvira. **UM POEMA PARA IGARAPÉ-MIRI**. Disponível em: <https://versopoesiaeprosa.blogspot.com/p/poesias-de-igarape-miri.html>. Acesso em: 5, jun. 2023.